

A Sorte dos Negreiros: O Romance-Folhetim na Campanha Abolicionista do Jornal Libertador

Andréia Oliveira COSTA

Estudante de Comunicação Social - Jornalismo, na Universidade Federal do Ceará – UFC.

Resumo:

O objetivo principal deste trabalho é compreender a forma de utilização do romance-folhetim como argumento de convencimento utilizado pelo jornal *Libertador* e a adequação deste à campanha abolicionista. O estudo tenta perceber como se deu o processo abolicionista no Ceará e as estratégias ideológicas expostas na mídia impressa através da utilização da literatura como forma de atração para que os leitores simpatizassem com sua causa. Aponta razões que levaram à escolha da literatura para esse empreendimento. São esclarecidas as origens e os usos do folhetim, assim como a conceituação deste termo e é traçado um breve histórico sobre a importância deste gênero jornalístico/literário na época em questão. A pesquisa se dá a partir da contextualização da escravidão no Ceará, assim como dos grupos anti-escravistas, e da análise do romance-folhetim *A Sorte do Negreiros*, primeiro romance publicado pelo jornal *Libertador*.

Palavras-chave: Mídia impressa; literatura; abolição

O uso do folhetinesco

O objetivo principal deste trabalho é perceber a forma de utilização do folhetim pelo jornal *Libertador* como e a adequação deste meio à campanha abolicionista.

O periódico *Libertador* se apresenta com ponte para o estudo da relação entre o estudo do processo abolicionista e o uso literário nos jornais. É nesse jornal que se encontra a matéria-prima utilizada para a produção deste trabalho.

Durante a primeira parte do texto são esclarecidas as primeiras aparições e os usos do que se convencionou designar como folhetim. Como expõe Marlyse Meyer, é interessante fazer a

discriminação entre folhetim e romance-folhetim. O Primeiro corresponde principalmente à localização do rodapé da página do jornal, o segundo, este sim, trata-se das publicações de cunho literário. O conceito utilizado aqui é o segundo, que trata pelo termo *folhetim* as obras literárias veiculadas em jornais.

Tido como produto de uma subliteratura o folhetim se fez presente entre as classes populares fazendo a alegria de seus empreendedores. Chegou ao Brasil e influenciou escritores consagrados como Machado de Assis e José de Alencar, até chegar nas mãos, idéias dos abolicionistas que o utilizaram de forma incisiva.

Logo depois, uma breve contextualização sobre as condições da escravidão e da campanha abolicionista no Ceará. Grupos anti-escravistas como *Perseverança e Porvir*, *Sociedade Emancipadora do Atheneo Cearense*, a *Liberdade e Heroísmo* e *Sociedade Cearense Libertadora*, são apresentados e é feito um resumo sobre suas condições de existência.

A terceira parte trás uma análise de como *A Sorte dos Negreiros* foi produzida e utilizada como veículo de propaganda abolicionista.

Primórdios

O folhetim se expandiu nos centros urbanos graças à difusão do jornal, colaborando para a estruturação e fortalecimento do romance. Suas primeiras aparições remetem ao século XIX, em que os editores faziam uso do rodapé dos jornais para publicações dos mais diversos tipos: receitas, charadas, resenhas de livros, piadas etc. era o espaço destinado ao entretenimento. Daí o jornal Francês *La Presse*, considerado símbolo da “imprensa industrializada francesa do século XIX, germe da moderna indústria cultural” (SODRÉ, 1985, p.11), sob comando do então editor Emilie de

Girardin, decidiu utilizar o *res-de-chaussé* do jornal para publicar obras literárias.

A idéia de Girardin contou com a colaboração da então emergente escola romântica, que se tornou popular graças aos concorridos gabinetes de leitura. Nesses gabinetes era possível ter acesso ao aluguel de livros a baixo preço, o que permitiu a um grande número de pessoas a possibilidade da leitura (LAJOLO; ZILBERMAN, 1996).

Importante destacar o papel da revolução de 1830¹ na vinculação dos folhetins. A disponibilidade de maquinário específico para a editoração jornalística, advindos dos processos de mecanização que culminou na revolução industrial, possibilitou o barateamento da produção e todas as mudanças ocorridas, aumentou o número de participantes na vida política, alargando, assim, o círculo de assinantes.

A produção literária da escola romântica, apoiada, patrocinada e aplaudida pela então elite burguesa, caiu no gosto do povo. As primeiras obras as serem veiculadas nesse novo formato fizeram tanto sucesso que logo a iniciativa foi copiada por outros jornais.

O próprio sócio de Girardin, Duracq, prontamente o pirateou no jornal *La Siècle*. E, não importando a corrente política, todos os tipos de jornal, desde os mais conservadores aos mais progressistas, estamparam em suas páginas aquele que poderia ser um grande trampolim de vendas.

Disputavam a publicação dos melhores folhetinistas, os mais virtuosos, os que agradavam o público. Em contrapartida, o romancista via nessa nova empreitada industrial/jornalística/literária a possibilidade de ter suas obras publicadas, seu nome enunciado nas bocas e conseguir prestígio e aclamação.

1 Movimento liberal ocorrido na França que reivindicava a renúncia de Carlos X e o fim do absolutismo.

Muitos romances produzidos na época, pela dificuldade de editoração, circulação e comercialização em livro, tinham como palco experimental o jornal. Essa forma de veiculação requereu certas modificações na estrutura original da publicação e adequação ao processo jornalístico. Muitas vezes, por conta dessas mudanças, obras acabaram sendo prejudicadas esteticamente, mas esse problema era superado quando se tinha em vista a possibilidade de sucesso que, se ocorresse, garantia a publicação em livro.

Durante as leituras folhetinescas é possível notar a vontade de imprimir informações, doutrinas, pôr os leitores a par dos fatos que, talvez, estivessem interessados somente na viagem que a aventura poderia proporcionar. Não se pode negar, porém, que a possibilidade da vivência do que estava sendo lido atuava como um forte atrativo sobre o público. Sendo assim, não é de se estranhar que em nossos dias as novelas, filhas celebres do folhetim, que alcançam os maiores índices de audiência e aceitação do público, são aquelas que carregam consigo os dramas e dilemas que lhes são contemporâneos.

A repercussão de certas obras folhetinescas se dava, normalmente, pelo seguimento de um padrão bastante rigoroso. Percebe-se uma homogeneização das características básicas, na essência do que foi escrito. Assim como hoje as novelas e os filmes trazem, em grande parte, um enredo quase todo previsível, montado em estruturas já exploradas e bem recebido pelo público, também no romance-folhetim se seguia uma linha de pouca variação.

A presença de um herói, como os das epopéias antigas exemplificadas pelas figuras de Hércules e Homero, semideuses capazes de superar os maiores desafios - é retomada para compor as personagens típicas da literatura de massa. A mitificação do ser. O envolvimento em tramóias sem solução. A virtude de caráter e toda sorte de qualidades que circundam este ser o torna capaz de superar os obstáculos. Possibilita um belo e previsível *happy end*.

O caráter pedagógico que dentro dos enredos se formava, geralmente utilizando a dicotomia entre as figuras do mocinho e do bandido, se mostrava durante a trama e tinha como ponto máximo a derrota implacável do vilão. As idéias do autor se impunham nesse instante. Os ensinamentos propostos são “uma tentativa de resposta a questões reais” (SODRÉ, 1985, p.9).

A verossimilhança usada para garantir a credibilidade do texto incita uma classificação do romance-folhetim como um produto da indústria cultural. Este conceito, que somente tomou forma com Adorno e Horkheimer, em *Dialética do Esclarecimento* (1998), se for posto em comparação com as típicas publicações folhetinescas, encontrará nelas exemplo.

Toda capacidade de reprodução de tipos já cansados de serem postos à venda, de não fazer pensar aquele que se dispor a consumir a obra e de dar a tudo um ar de semelhança, coloca o folhetim como uma prosaica mercadoria cultural.

Autores consagrados nos jornais como Eugène Sue, Ponson du Terrail, Montepin, Soulié, Dumas (pai) abrangem em suas obras o que o *feuilleton* tem de mais característico. Por serem escritas e publicadas quase que instantaneamente, as histórias transparecem questões contemporâneas a elas (o que garante seu caráter jornalístico), têm cortes estratégicos, rememoração de episódios passados, suspense, tipos claramente definidos (para se poder identificar a contraposição do bem e do mal) e, por fim, um ensinamento moral.

No Brasil

A repercussão da utilização do folhetim para a veiculação de obras literárias alcançou o Brasil e serviu de referência para a produção local. O folhetim chega ao Brasil trazido por Pierre Plancher. Ex-livreiro, mudou-se para o Rio de Janeiro por não poder

viver mais em seu país, fundando em 1827 o Jornal do Comércio. A três de janeiro de 1838, publica o primeiro romance-folhetim em nossas terras Jane Grey.

No decênio de 1830 e tradução [...] - de folhetins seriados nos jornais e traduções em volumes publicadas aqui ou chegadas abundantemente de Portugal e França - foi incentivo de primeira ordem, criando no público o hábito do romance e despertando interesse dos escritores. (MARLYZE apud CÂNDIDO, 1998, p. 9).

É pertinente esclarecer que as primeiras obras publicadas em solo brasileiro não foram escritas aqui. As novelas francesas e inglesas de maior repercussão eram importadas, traduzidas e apresentadas ao público tupiniquim.

Dessas traduções e desse novo modo de escrever fizeram-se muitos escritores brasileiros. José de Alencar afirma, em seu *Como e porque sou romancista*, a influência direta da leitura de romances-folhetim - como *Saint Clair das Ilhas*, *Oscar e Celestina* - e a importância que sua aproximação com essas publicações teve para imprimir-lhe no espírito as tendências românticas.

Outro autor brasileiro influenciado pelas publicações romanescas e pela nova forma do fazer literário foi Machado de Assis, que teve a primeira fase de suas composições publicada em jornal. Em algumas obras é possível observar citações da famosa novela de Elizabeth Helme, *Saint Clair das Ilhas* -folhetim impresso em Londres (1803). Entre elas estão: *Helena* (1876); *Anedota Pecuniária* (1885/86); *Casa Velha* (1885/86); e *Quincas Borba* (1889/91). Sobre a obra de Machado, publicou-se em folhetim entendido como espaço, forma e local do jornal e não em seu caráter estilístico pois era árduo crítico do fazer folhetinesco, tratava como a parte fútil, desprezível do jornal, que tinha como público alvo os ociosos.

A questão dos escravos

As condições geográficas e sua tardia colonização, não permitiram ao Ceará se integrar ao processo econômico de produção açucareira dominante no Nordeste desde o século XVI. Sua colonização, baseada no criatório de gado, dispunha de poucos recursos e a vida nessa região era humilde e a população dispersa.

Até meados do século XVIII, a presença do escravo africano na capital do Ceará era incipiente e a maior parte do trabalho escravo era exercida por índios. Isso se dava pela condição econômica baseada na pecuária e pela mão-de-obra escrava ser muito cara, não se apresentando como atrativo aos senhores de terras.

Os fatos decisivos para o aumento do número de escravos negro na região foram o crescimento econômico, proporcionado pela valorização dos produtos pecuários, a cotonicultura, e a proibição da utilização de trabalho escravo indígena.

A demanda por mão-de-obra acarretou um maior fluxo de importação de escravos para o Ceará e as melhoras na economia possibilitou um aumento considerável no crescimento vegetativo dessas populações. Contudo, a inconstância na economia, essencialmente agrária, se acentuava em épocas de grandes estiagens e os períodos de relativo crescimento não garantiam estabilidade para os tempos menos abastados, nem grandes melhoras na condição de vida da população. Somente na segunda década do século XVIII, houve transformações significativas para a economia e para a sociedade cearense.

Com o advento da guerra de Secessão, nos EUA, o algodão ganha novo espaço e torna-se o principal produto de exportação do Ceará. Nesse período foi expressivo o número de escravos importados e, com isso, a acentuação de uma estratificação social entre escravos e homens livres.

O grande número de escravos adquiridos, diante da simplicidade da vida na Capitania, que não exigia muita força de trabalho, juntamente com o preconceito existente contra o trabalho braçal, aumentou a quantidade de pessoas ociosas. Esse preconceito se generalizava nas regiões onde o trabalho escravo era maior. Em regiões onde a mão-de-obra escrava era suficiente para suprir as necessidades da produção, como, por exemplo, as regiões do Cariri, onde os cativos eram responsáveis pela cultura de cana de açúcar, o trabalho livre acabava não sendo muito utilizado.

Durante o surto algodoeiro Fortaleza e Aracati passaram por um processo de desenvolvimento sem precedentes. Mas nos mesmos portos pelos quais entraram as chances do crescimento, escoou a riqueza acumulada. Não houveram grandes investimentos em bens duráveis. A falta de estrutura para uma grande lavoura e sua má administração não deu conta de preparar subsídios para que a empresa tivesse sucesso contínuo. “Levados por uma enganadora euforia econômica, os agricultores cearenses abandonaram suas lavouras tradicionais para se dedicarem ao algodão de forma desordenada”(SILVA, 2002: 84).

A capitania não tinha bases de sustentação econômica muito fortes e, com o fim da guerra civil americana, viu-se encabeçando mais uma crise. Terminada a guerra, os EUA reorganizaram sua produção algodoeira, mostrando-se forte concorrente na comercialização do produto no mercado externo, culminando na queda no valor da mercadoria e levando muitos agricultores cearenses a se individualarem.

Nesse contexto, outras culturas começam a ganhar vulto, mas não conseguem atingir os níveis a que chegou o algodão. A distância da capitania em relação aos entreportos comerciais brasileiros e a falta de estradas para o escoamento da produção acabou dificultando o intercâmbio entre o Ceará e as demais regiões do país quase estagnaram a economia de muitas áreas interioranas.

A crise se estendia e os escravos trazidos em épocas de euforia econômica e representantes de grande parte do patrimônio de senhores de terras arrasadas pela crise, passam a ser vistos como produto de comercialização dos mais rentáveis. O fluxo de escravos começa a se fazer em sentido contrário ao anterior.

As más condições econômicas se juntam a proibição da entrada de escravos no Brasil vindos da África. O Ceará passa a ser um dos maiores exportadores de escravos no tráfico interprovincial. O alto valor a que chegava uma peça² e o grande número de escravos presentes na capitania, por conta do crescimento vegetativo, garantiu por muito tempo o sustento de senhores que tiveram prejuízos com a queda na venda de algodão.

Digna de destaque no processo de decadência da escravidão no Ceará foi a estiagem dos anos de 1877 a 1879. Os três anos de seca estagnaram a economia agropecuária, levando muito pobres do interior a procurar abrigo em Fortaleza e em outras localidades que conseguiram passar menos arrasadas como as serras da Meruoca, Ibiapaba, Maranguape e até para o Maranhão, Pará e Amazonas.

Os níveis de catástrofe se acentuavam a cada ano e as mortes e imigrações eram cada vez maiores. Durante esse período um surto de varíola hemorrágica assolou a capital, matando 57.780 pessoas. Afirma-se que durante toda a seca foram 130 mil mortes. Dentre as perdas, um grande número de escravos, que juntamente com as vendas anteriores e as formações de quilombos quase acabaram com a existência de escravos negros no Ceará.

A campanha abolicionista

Durante o século XIX, em todo o Brasil são iniciadas as lutas contra a escravidão. A proibição do tráfico de escravos, em 1850, e as fortes pressões exteriores fortaleceram o movimento abolicionista.

2 Os escravos eram considerados peças, coisas, descritas nos inventários como qualquer outro utensílio.

O processo que vai desde as exportações dos cativos às manumissões concedidas pelos senhores, leva ao fim do trabalho servil no Ceará.

O desenvolvimento proporcionado pela agropecuária antes do período de estiagem permitiu certo crescimento sociocultural. Foram reformados centros educacionais, o comércio deu um salto qualitativo, a opinião pública tornou-se acesa e até a atividade jornalística, que antes não se apresentava muito forte, ganhou atuação e destaque.

As novas condições permitiram a eclosão de uma nova classe média. A capital Fortaleza³ tornou-se núcleo de mudanças, local onde era possível ascender socialmente e o destino preferido dos filhos dos fazendeiros. É nesta cidade que se iniciam as agremiações de caráter abolicionista.

Em 1868, foi aprovada uma lei de criação de verba para a libertação de crianças escravas. Nos quatro anos em que esteve em vigor, a lei libertou centenas de escravos, demonstrando uma insatisfação com as condições do trabalho escravo, mas contou com o apoio apenas de uma parcela da população. A década de 1870 contou com a alforria de muitos escravos e com o surgimento de associações manumissoras.

Uma dessas associações foi a *Sociedade Cearense Libertadora* (SCL), fundada em 1880 por iniciativa de José Correia Amaral. Os fundadores contavam com doações para pôr em prática o trabalho de libertação de escravos.

Entre as atividades da associação, foi empreendida a publicação de um jornal: *Libertador*. O advento desse jornal teve como objetivo propagar os ideais abolicionistas. O *Libertador* chegou às ruas em meio a uma imprensa dominada pelas forças políticas.

Em janeiro de 1881 circula o primeiro exemplar do jornal e com ele passa-se a perceber as divergências intrínsecas ao próprio

3 Fortaleza é capital do Ceará desde 1799, quando o Ceará passou a ser uma capitania independente, antes estava sob administração de Pernambuco.

corpo de sócios da SCL. Diante do que foi exposto no jornal, vários associados se desvincularam do órgão, mas não houve abandono nem desistência do periódico.

O grupo responsável pelas publicações se mostrou agressivo e lutou ferozmente a favor da abolição, o que deu ao jornal um caráter extremamente radical. Desde a epígrafe até a não permissão de propagandas que incitasse a escravidão, tudo se dispunha a marcar ideologicamente os leitores. Apresentava o tema francês de liberdade, igualdade e fraternidade, associado à apelação ao povo cearense “tão sofrido pelas desgraças provenientes das calamidades naturais” (Libertador, 1º de janeiro de 1881).

A citação retirada da bíblia para compor a epígrafe dava certo ar de “missionário” aos seus idealizadores, que se colocavam como cavaleiros divinos diante da obrigação de defender a liberdade e garantir que o amor de Deus se pusesse sobre aqueles pobres homens dos quais foram tirados a dignidade quando lhes impuseram o cativeiro.

É importante ressaltar que liberdade seria essa pela qual esses abolicionistas lutavam. A situação de cativeiro não agradava, mas isso não dava aos escravos os mesmos direitos dos homens livres. É perceptível que a escravidão tinha se tornado um fardo aos progressistas. Como se a escravidão fosse um obstáculo para o crescimento. Tratava-se de uma nova postura para se adequar à modernidade que se iniciava na conjuntura mundial.

A sorte dos negreiros

“Corria o ano de 1820.
no local onde se ergue o sobrado do coronel João Antônio Machado, à antiga rua de Soares Moreno, hoje Major Facundo, existia naquele tempo outro de simples aparência...”

Assim iniciava-se o primeiro folhetim veiculado no jornal

Libertador. Dividido em três capítulos, *A Sorte dos Negreiros* foi mais uma das estratégias usadas pelos editores do jornal para divulgar sua campanha abolicionista. Não é esclarecida em sua edição fac-similar, nem na sua microfilmagem, a autoria do folhetim, porém, é deixado claro que se trata de uma publicação original do Libertador.

Diferente do que as leituras sobre a localização do folhetim apresentaram, desse tipo de publicação ser encontrado no roda-pé das páginas do jornal, *A Sorte dos Negreiros* se apresenta no meio do jornal, mais precisamente na sexta página em uma coluna, precedida por letras garrafais: FOLHETIM.

Na leitura dos capítulos que compõem que compõem a trajetória *dos negreiros*, se enlaçam características típicas da literatura folhetinesca e a ideologia de seu veículo que, pegando carona no sucesso das veiculações de obras literárias em periódicos, tratou, desde sua primeira edição, de adaptar situações desfavoráveis à escravidão ao fantástico mundo literário.

A Sorte dos Negreiros conta a estória de um rico comerciante de escravos que vê sua vida se afundar progressivamente como castigo por suas más ações diante da escravidão.

O início do texto situa o local e a época na qual se passa a estória e apresenta as personagens.

Pero Lopes, homem alto, de boa aparência, com família numerosa, exímio negociante e de índole duvidável. Ganancioso, impiedoso, senhor e vendedor de escravos. Essas últimas, as mais abomináveis características que alguém poderia acumular e motivação das desgraças que assolam sua vida.

Em franca oposição, Eugenia, filha de Pero. Linda e doce menina de apenas 15 anos, que leva em seu semblante um belo par de olhos negros. Mais belo que sua aparência, somente seu espírito, carregado de compaixão e de alegria e que, em parte decisiva da trama, é capaz de prever uma grande desgraça.

Os tipos destacados exemplificam bem a necessidade dos arquétipos míticos que, se neste exemplo não são construídos como seres extraordinários, com fantásticos poderes, pinçam características humanas que apresentam aspectos heróicos ou maléficos.

Toda a estória compõe um ensinamento pretendido por seus idealizadores. Ao apresentar um homem rico, poderoso e comerciante de escravos como o grande vilão, essa visão é transferida a todos aqueles que comungam suas características. Ser vendedor de escravos constitui algo execrável, digno de todas as mazelas do mundo. Ao se colocarem como abolicionistas, os “libertadores” tentam desmoralizar os que agem de forma contrária a seus ideais. Os comerciantes de escravos se colocam na narrativa como personificação do mal, devendo, portanto, ser combatidos.

As formas simbólicas presentes nesse folhetim, juntamente com seus significados, justificam, sustentam e abalizam toda a luta antiescravista. A construção do símbolo é utilizada como forma de convencimento ou para fortalecer uma idéia.

A narrativa folhetinesca abre um elo entre jornalismo e literatura ao integrar nesta última, fatos corriqueiros à época e sua discussão.

Desde os primeiros momentos é fácil saber o destino da estória. A velha máxima de mocinho contra bandido é transparecida logo de início. Não é permitido que se faça muito esforço para se saber o que vai acontecer. As regras de verossimilhança se colocam e tornam a trama um todo previsível. O que parece interessante não é saber *o que* vai acontecer, mas *como* vai.

Eugenia que no fim do primeiro capítulo fala a seu pai sobre a previsão que vinha tendo de uma desgraça, no segundo é sumariamente morta pelo autor, afirmando a fala da menina. As calamidades continuam com o suicídio de seu irmão mais velho que, tendo perdido todo dinheiro que seu pai lhe dera em jogos e orgias,

põe Pero em más situações financeiras. E como desgraça pouca é bobagem, outro dos cinco filhos de Pero é morto e tem todo dinheiro destinado à compra de escravos roubados.

Os fatos que carregam o tom dramático da trama e se põe como aviso aos escravocratas, têm seus pontos máximos no segundo e terceiro capítulos. Os sobressaltos e a tensão dessas partes do texto dão um toque de tragédia grega. A forma como Pero perde toda sua fortuna e se torna um homem áspero e doente, se não agrada, serve aos abolicionistas para mostrar o quanto é ingrata a sorte dos negreiros.

Fazendo uma analogia com os aspectos que fundamentam o típico romance-folhetim, pode-se observar que o texto utilizado para o estudo, mesmo não situado no predestinado rés-do-chão, é composto de seus elementos básicos: a mitificação das personagens; a contraposição entre bem e mal; o caráter pedagógico; a função jornalística; a linguagem de fácil acesso e a utilização de tipos já consagrados pela literatura anterior.

Desfecho

Ao utilizar o folhetim como parte de sua campanha abolicionista, o jornal *Libertador*, órgão vinculado a Sociedade Cearense Libertadora, une sua necessidade de se fazer ouvir à repercussão das obras literárias publicadas nos jornais.

Utilizando uma linguagem acessível e dinâmica, *A Sorte dos Negreiros* representa um típico romance-folhetim, que chegou ao Brasil vindo diretamente da Europa para preencher o tempo dos ociosos, como diria Machado de Assis.

De produto cultural à estratégia abolicionista, o folhetim se mostra como elemento de propagação de ideais, ensinamentos e entretenimento dos mais rentáveis.

Bibliografia consultada

ALENCAR, Francisco; RAMALHO, Lucia Carpi; TOLEDO, Marcus Vinício. História da Sociedade Brasileira. 13. Rio de Janeiro: ao Livro Técnico, 1996.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Dialética do Esclarecimento Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAM, Regina. A Formação da Leitura no Brasil. 2. São Paulo: Ática, 1998.

MEYER, Marlyse. As Mil Faces de um Herói Canalha. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

SILVA, Pedro Alberto, História da Escravidão no Ceará. Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002.

SODRÉ, Muniz. Best-Seller: a Literatura de Mercado. São Paulo: Ática, 1985.

THOMPSON, John B. A Mídia e a Modernidade: uma Teoria Social da Mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

TUFANO, Douglas. Estudos de Literatura Brasileira. 4. São Paulo: Moderna, 1994.

LIBERTADOR: Edição Fac-Similar dos 20 Primeiros Números. Fortaleza: s. e., 1988.